

A PESQUISA EDUCACIONAL BASEADA EM ARTE (PEBA) E A MÚSICA

Arts Based Research (ABR) and music

MARIANA LOPES JUNQUEIRA

Universidade Regional de Blumenau
marianalopesjunqueira@gmail.com

LEOMAR PERUZZO

Universidade Regional de Blumenau
leomarperuzzo@hotmail.com

CARLA CARVALHO

Universidade Regional de Blumenau
ca_carvalho@icloud.com

Resumo: A Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) consiste na inserção de processos que envolvem a arte e a criação de arte em percursos de pesquisa no campo da educação. Desse modo, este estudo versa sobre a formação do músico-professor em escola, cuja geração dos dados partiu dos princípios A/r/tográficos. A principal questão norteadora foi: Quais contribuições a PEBA oferece em um percurso de investigação com a linguagem musical na área da educação? O objetivo foi compreender as contribuições da PEBA em um percurso de investigação com a linguagem musical na área da educação. Como locus do processo de formação do músico-professor em escola, realizou-se este estudo com 17 acadêmicos de música, que participaram do PIBID Música em uma universidade de Santa Catarina. Este artigo traz à tona reflexões em torno da PEBA, suas reverberações no campo das artes, com foco na música, e possibilidades de inserção em contextos de pesquisa científica. A principal contribuição da PEBA foi oportunizar a geração de dados por meio da criação de arte, de modo a mobilizar dimensões sensíveis dos acadêmicos.

Palavras-chave: PEBA. PIBID. Músico-professor.

Abstract: The *Art-Based Research* (ABR) consists of the insertion of processes that involve art and the creation of art in research paths in the field of education. Thus, this study deals with the education of the musician-teacher in school, whose generation of data was based on A/r/tographic principles. The main guiding question was: What contributions does ABR offer in an investigation course with the musical language in the area of education? The objective was to understand the contributions of ABR in an investigation course with the musical language in the area of education. As locus of the education process of the musician-teacher in school, this study was carried out with 17 music undergraduate students, who participated in PIBID Music at a university of Santa Catarina, Brazil. This paper brings to light reflections on ABR, its reverberations in the field of the arts, with a focus on music, and possibilities of insertion in contexts of scientific research. The main contribution of ABR was to provide data generation through the creation of art, in order to mobilize sensitive dimensions of the students.

Keywords: ABR. PIBID. Musician-teacher.

PRIMEIRO COMPASSO

Não pense que o mundo acaba
Ali onde a vista alcança
Quem não ouve a melodia
Acha maluco quem dança
Se você já me explicou
Agora muda de assunto
Hoje eu sei que mudar dói
Mas não mudar dói muito
(Oswaldo Montenegro)

A letra de Oswaldo Montenegro sugere que a mudança encontra resistências de diferentes dimensões, e algumas podem causar a dor de abandonar antigas práticas para que o novo possa surgir. No andamento da composição da vida, bem como da pesquisa em arte e educação, o novo pode causar estranhamento, desconforto, dúvidas e questionamentos quanto aos métodos para a produção do conhecimento.

O campo da produção do conhecimento, envolvendo a arte e suas linguagens, encontra-se em constante mutação, por isso a iniciativa de estabelecer um novo compasso, outro ritmo e modos de produzir conhecimento em educação com a inserção de percursos de criação artística. A mudança vista como necessidade também permite explorar a área da música na perspectiva de criação, de inserção e de materialização de propostas de pesquisa fundamentadas na integração entre percursos de pesquisa e as linguagens da arte. Conforme Carvalho e Immianovsky (2017, p. 223-224), “[...] entender ou discutir arte de nosso tempo envolve a compreensão de que a estética deste tempo, da contemporaneidade, está entrecortada por elementos que não são mais fechados, canônicos, como em outros tempos marcados até a arte moderna”.

As pesquisas envolvendo a música podem desencadear processos artísticos, criativos e originais, para além dos métodos tradicionais de pesquisa em educação. Podemos perceber certo avanço em pesquisas envolvendo arte, mostrando uma ruptura nos processos de produção de conhecimento envolvendo as linguagens da arte. Em se tratando das especificidades da pesquisa em torno da arte, desenvolveu-se a *Art-Based Research* (ABR) a partir dos estudos e das sistematizações de Elliot Eisner, nos anos de 1970-1980, na Stanford University (EUA) em cursos de pós-graduação (Dias, 2013).

Mais tarde, ramificações despontam em diversos países inserindo arte em percursos de pesquisa, de modo que atendam às especificidades das diversas áreas da arte. No Brasil, algumas publicações em torno da abordagem merecem destaque, principalmente a “Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia”, pela editora da Universidade Federal de Santa Maria (2013), com colaboração do professor Belidson Dias, da

Universidade de Brasília, e a professora Rita Irwin, da University of British Columbia (Vancouver, no Canadá).

A Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA)¹ abre espaço para questionar as formas tradicionais de produção de conhecimento e escrita. Conforme Dias (2013), a PEBA explora “[...] modos criativos de representação que reflitam a riqueza e a complexidade das amostras e dados de pesquisa e desse modo promovem múltiplos níveis de envolvimento, que são simultaneamente cognitivos e emocionais” (Dias, 2013, p. 23-24).

No campo da pesquisa em Educação, os estudos com abordagem qualitativa suscitaram discussões sobre novas abordagens, destacando-se os processos e os percursos investigativos, em detrimento do produto final. Esses aspectos foram constituídos com base nas teorias pós-críticas, da fenomenologia e da filosofia da diferença, permitindo o “[...] desenvolvimento de novos procedimentos, meios e ferramentas metodológicas, promovendo delineamentos metodológicos menos rígidos para atender a contextos específicos de pesquisa” (Carvalho; Immianovsky, 2017, p. 224).

Diante dessas justificativas, encontramos na PEBA uma possibilidade para envolver a música na pesquisa em educação. Desse modo, este estudo² versa sobre a formação do músico-professor em escola. Para a geração dos dados, adotamos princípios A/r/tográficos (Carvalho; Immianovsky, 2017; Dias, 2013; Irwin, 2013a), os quais ofereceram bases para um percurso criativo em música.

Nossa principal questão neste artigo é: Quais contribuições a PEBA oferece em um percurso de investigação com a linguagem musical na área da Educação? Este estudo faz parte de investigações do Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação, da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Nesse sentido, buscamos pensar os aspectos e as relações entre a arte e a educação. Assim, o grupo discute percursos de pesquisa artísticos e estéticos relacionando com conceitos metodológicos ou epistemológicos da educação. Diante disso, o objetivo deste estudo é: compreender as contribuições da PEBA em um percurso de investigação com a linguagem musical na área da Educação.

Para Requião (2002), o músico é o sujeito que tem a formação profissional voltada à atividade musical (artista), e o professor é o sujeito que desenvolve regularmente uma atividade docente. Dessa forma, o músico-professor é o músico que atua regularmente como docente de ensino musical. Requião (2002) utiliza o termo músico-professor no sentido do

¹ Essa abordagem deriva da *Art-Based Research* (ABR), que, ao ser traduzida para o português e inserida em contextos de pesquisa brasileiros, define-se como PBA ou PEBA. No Brasil, usa-se Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) para pesquisas envolvendo arte e educação, ou apenas Pesquisa Baseada em Arte (PBA). Esse modo de desenvolver pesquisa propõe a inserção direta das linguagens artísticas em pesquisas científicas.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

músico que atua como professor em escolas de música alternativas e que coloca a atividade docente em segundo plano. A autora aborda, ainda, que, mesmo no caso em que o músico-professor dedica sua maior carga horária na atividade docente, ele se denomina mais como músico do que como professor.

Geralmente, ao ingressar no curso de Licenciatura em Música, o acadêmico já tem uma caminhada como músico, e o curso propicia uma formação como professor. Por isso, nesta pesquisa, optamos por utilizar o termo músico-professor, acreditando que as duas formações estejam interligadas, pois, ao estar em sala de aula, o professor utiliza sua experiência de músico, não sendo possível separar as duas dimensões.

Para olhar esse processo de formação em escola, escolhemos como locus de pesquisa o subprojeto de Música do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de uma universidade localizada em Santa Catarina. O PIBID é um programa criado pelo Governo Federal para valorizar e aperfeiçoar a formação de professores para a educação básica. O programa oportuniza que os licenciandos desenvolvam atividades didático-pedagógicas com a orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola de educação básica, de forma a vivenciarem o contexto da escola pública³. Foi nessa relação entre música e docência que esta pesquisa focou o processo de pensar a geração de dados.

Encontramos apenas uma tradução de artigo de um autor americano (Higgins, 2010) em revista de âmbito nacional, relacionado à música e à PBA, que foi publicado na revista da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM). No texto, o autor aponta a PBA como um paradigma para a pesquisa em música na comunidade. Ele faz uma reflexão sobre os métodos de pesquisa empregados na investigação em música na comunidade e a representação desses métodos na prática musical. Assim, o autor sugere a utilização da PBA como uma aproximação entre os que realizam as práticas e os que pensam e falam sobre elas.

Higgins (2010) ainda aponta que o conceito de música na comunidade é muito amplo, por isso, em sua pesquisa, ele propõe três perspectivas de música na comunidade: “1. Música na comunidade como a ‘música de uma comunidade’. 2. Música na comunidade como ‘prática musical comunitária’. 3. Música na comunidade como uma intervenção ativa entre um líder ou líderes musicais e participantes” (Higgins, 2010, p. 8). O autor analisou 213 pesquisas sobre o tema, realizadas entre os anos de 1990 a 2010, com o intuito de identificar a abordagem metodológica utilizada em cada pesquisa. Ao final da análise, surgiram 14 categorias: estudo de caso, avaliação de projetos, relatórios de projeto, explorações teóricas, reflexão pessoal, pesquisa etnográfica, pesquisa filosófica, pesquisa histórica, *survey*, pesquisa sobre políticas, narrativas, pesquisa biográfica, pesquisa-ação e

³ Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

fenomenológica, sendo as quatro primeiras citadas as mais utilizadas (Higgins, 2010).

O autor sugere que as pesquisas em música na comunidade focalizem sua atenção no profissional, que podem considerar questões por meio de uma experiência prática de trabalho, utilizando a PBA. Dessa forma, os músicos na comunidade poderiam realizar pesquisas concretas sobre suas práticas musicais, ao passo que os acadêmicos teriam uma visão fora da realidade da comunidade. “A colonização da música na comunidade pela academia seria prejudicial, enquanto a colaboração fortaleceria sua trajetória” (Higgins, 2010, p. 12).

Apesar de apontar a PBA como uma possibilidade nas pesquisas, o autor, em suas considerações, expõe que não possui nenhuma ilustração para exemplificar o seu uso, mas sugere quatro possíveis cenários e resultados hipotéticos para pesquisas na área: 1 – Um museu de arte ofereceu um espaço em seu jardim para um projeto de instalação de artes visuais e música com o tema identidade pessoal. Durante três meses, os inscritos no projeto fizeram uma representação visual tridimensional deles mesmos, que serviu de estímulo para a improvisação e a composição musical. Durante esse processo do fazer artístico, o músico/pesquisador teve tempo de criar vínculos de respeito e confiança com os participantes, que gerou uma questão sobre as motivações dos adultos, de participarem de um projeto de música na comunidade. Nesse sentido, a mostra final e a performance do projeto tornaram-se um complemento rico ao trabalho acadêmico. 2 – Em um projeto com duração de 12 semanas, estudantes escreveram e fizeram arranjos de suas músicas, em pequenos grupos. O professor/pesquisador e os estudantes, por meio de entrevistas, revistas e diários em vídeos, examinaram essas experiências e decidiram compartilhar suas músicas para um público. Nesse sentido, a performance foi estruturada como um projeto de pesquisa. 3 – Em um período de dois anos, o músico/pesquisador trabalhou em colaboração com o governo para realizar uma celebração anual (festival) que contemplasse a música, a dança, o teatro e as comidas locais. Esse evento teve o objetivo de despertar a identidade e a autoestima da comunidade. O resultado da pesquisa foi uma análise etnográfica da experiência, juntamente ao festival, demonstrando a relação entre o pesquisador e os participantes, o compromisso com a cultura e a política locais e um diálogo que examinou não somente os fatos que ocorreram, mas também como poderiam ter acontecido. 4 – Um músico/pesquisador de comunidade realizou um curso em uma prisão de segurança máxima, que contemplou contribuições e direcionamentos dos participantes. Nas conversas iniciais, os participantes queriam fazer algo para seus familiares e amigos e, nesse momento de partilha, se abriram sobre a vida na prisão e sua relação com a música. Nessa partilha, o músico/pesquisador pôde coletar informações. Nas composições de poesias, raps e canções, o significado da música para os

participantes ficou mais evidente. O músico/pesquisador gravou essas composições e as reuniu em um disco intitulado *Free to be musical*⁴ (Higgins, 2010).

Gostaria de encorajar os orientadores de pesquisa a procurarem possibilidades em que a pesquisa baseada nas artes colocaria o acadêmico/artista na melhor posição para responder as questões. Também gostaria que os profissionais envolvidos considerassem a possibilidade de utilizar a pesquisa baseada nas artes. Isso pode significar arriscar-se e trabalhar além ou fora de nossa zona de conforto (Higgins, 2010, p. 13).

O autor ainda aborda que outros assuntos precisariam ser explorados no uso da PBA em pesquisas sobre música na comunidade: formas de avaliação, se a *performance*⁵ ou representação em mídia seriam suficientes para serem consideradas um produto da pesquisa, recursos e infraestrutura necessária e de que forma isso afetaria os comitês de pesquisa institucionais.

Em nosso grupo de pesquisa, estudamos trabalhos concluídos envolvendo a PEBA, que estão relacionados à linguagem das artes visuais, das quais destacamos três. A tese “Um corpo-sem-órgãos, sobre justaposições. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?”, de Cristian Poletti Mossi (2014), e a dissertação “Pesquisar andarilho, cintilâncias e transbordamentos de uma docência”, de Francieli Regina Garlet (2014), desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação da Professora Dra. Marilda Oliveira de Oliveira. Em Santa Catarina, destaca-se, na Universidade do Vale do Itajaí, a pesquisa de Charles Immianovsky (2015), que, sob orientação da Professora Dra. Carla Carvalho, desenvolveu a dissertação “Currículo: por uma experiência narrativa com diários”.

Adiante, estabeleceremos a tessitura de conceitos para a compreensão da PEBA de modo que possa ressoar em múltiplos tons, composições e arranjos na área da música. As seções a seguir, nomeadas de compassos, organizarão o percurso de leitura em base teórica, análise de dados e finalizações.

SEGUNDO COMPASSO: TRAMA CONCEITUAL

De que serve ter o mapa, se o fim está traçado?
De que serve a terra à vista, se o barco está parado?
De que serve ter a chave, se a porta está aberta?
De que servem as palavras, se a casa está deserta?
(Pedro Abruñhosa)

⁴ Livre para ser musical (tradução do autor).

⁵ Aqui, nesse trecho do texto, utilizamos o termo “performance” no sentido de desempenho, ação de realizar algo com maestria.

Diante das abordagens de pesquisa em educação, observamos que a Arte se consolida em processos metodológicos e epistemológicos, na medida em que se ampliam investigações e inserções dos aspectos que valorizam a subjetividade e os processos de criação artística, articulando as relações que sustentam a formação do professor-artista-pesquisador. Assim como na letra de Pedro Abruñosa, o essencial está no entre, no percurso, no caminho a ser traçado. De que adianta ter receitas prontas se não cabem para a especificidade da pesquisa bem como para a natureza da abordagem? Dessa forma, de nada adiantam as palavras se não há quem as ouça ou as receba, assim como não seria adequado adotar abordagens de pesquisa em educação envolvendo arte com bases positivistas sem o devido olhar para os conhecimentos que advêm das linguagens da arte.

Em busca de propostas que melhor dialoguem com a arte na pesquisa em educação, encontramos a A/r/tografia, que constitui uma abordagem de pesquisa em educação que permite a inserção da criação de arte, e das diversas linguagens, no percurso de desenvolvimento de conhecimento em arte na educação. A abordagem A/r/tográfica está em constante expansão e é significativa no cenário da graduação e da pós-graduação brasileira. Na região Sul, algumas universidades adotam a A/r/tografia como perspectiva de pesquisa. Uma delas é a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e, mais recentemente, o Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da FURB, que estuda iniciativas que inserem a arte em percursos de pesquisa.

O conceito de A/r/tografia permite a inserção de identidade como artista-pesquisador-professor no percurso de desenvolvimento de conhecimento envolvendo arte. “**A/R/T** é uma metáfora para: **Artist (artista), Researcher (pesquisador), Teacher (professor) e graph (grafia: escrita/representação)**. Na a/r/tografia saber, fazer e realizar se fundem” (Dias, 2013, p. 25, grifos nossos).

Essa proposta inovadora propõe o entrelaçamento entre pesquisa acadêmica, criação artística e processo de aprendizagem, configurando modos de pensar as relações entre pesquisa, criação artística e produção de conhecimento. Dessa forma, a linguagem da música também pode ser pensada na pesquisa, unindo o olhar do artista, do professor, além do pesquisador. Assim, os três papéis se fundem, tornando-se um só. Uma das principais características da A/r/tografia é a mestiçagem ou hibridização das linguagens da arte e das formas de representar os conhecimentos desenvolvidos (Dias, 2013).

A A/r/tografia está apoiada em percursos de produção de conhecimento considerando a “autoetnografia de gêneros”, que determina modos de ser e de estar diante do próprio percurso de pesquisa em que apresenta simultaneidades de fenômenos em “[...] vários espaços, desde aqueles que nem são isso nem aquilo e também aqueles que são isso e

aquilo ao mesmo tempo. Busca o diálogo, mediação e conversação” (Dias, 2013, p. 25).

Essa proposta de pesquisa mostra-se abrangente a ponto de lançar olhares para o que é diferente, na intenção de destituir “narrativas totalitárias sobre o saber” (Oliveira, 2013, p. 3), evidenciando preconceitos, silêncios e especificidades da pesquisa em arte, elevando os saberes provenientes da experiência ao patamar de objeto de conhecimento.

O ponto inicial do surgimento dessa proposta de pesquisa em educação foram os estudos de Eliot Eisner, desenvolvidos nos anos de 1970-1980, na Stanford University (EUA) em cursos de pós-graduação. Em seus estudos, Eisner buscou na arte elementos para a investigação e a produção de conhecimento, integrando as linguagens da arte como metodologia de pesquisa, e não apenas como objeto de estudo (Irwin, 2013a; Oliveira, 2013; Dias, 2013; Carvalho, Immianovsky, 2017). Os fundamentos teóricos para essa abordagem estão nos pressupostos fenomenológicos, no estruturalismo e no pós-estruturalismo. Mais tarde, a proposta estendeu-se para a Faculdade de Educação da Universidade da Colúmbia Britânica (UBC, Canadá) e, posteriormente, ganhou ramificações em outras instituições de ensino superior (Dias, 2013).

Nas palavras de Carvalho e Immianovsky (2017, p. 226): “A PEBA configura-se como perspectiva metodológica que utiliza processos e produtos artísticos, estéticos por natureza, para investigar, problematizar e compreender questões educacionais”. A A/r/tografia é uma forma de PEBA, cuja abordagem é utilizada em diferentes áreas como a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, “[...] que incorpora especificamente os procedimentos e as atividades artísticas – fazer artístico – no processo de investigação” (Carvalho; Immianovsky, 2017, p. 224). Diante desses pressupostos, a A/r/tografia representa perspectiva em expansão na pesquisa em educação e, apesar das propostas concentrarem-se nas Artes Visuais, outras propostas despontam como possibilidade de aproximar a A/r/tografia com a linguagem musical.

Hernández (2013) desenvolveu estudos em ABR e classificou em três principais tendências em investigações baseadas em arte, que são: a perspectiva literária, a perspectiva artística e a perspectiva performativa. **Na perspectiva literária**, os gêneros literários recebem destaque, permitindo a inserção de narrativas diversas, de forma que o leitor se sinta incluído. Essa perspectiva oferece espaço para diálogos com diferentes relatos de experiências dos sujeitos da pesquisa e do próprio pesquisador. Assim, as diversas formas de escrita e gêneros textuais podem integrar a escrita acadêmica, de forma que estabeleçam diálogos estéticos com o leitor. As múltiplas entradas e saídas articulam as dimensões pesquisa-pesquisado-leitor, ampliando-se como brechas de acesso (Hernández, 2013).

A perspectiva artística eleva os elementos artísticos ao nível do texto visual, que os tornam indissociáveis do texto verbal, no qual o investigador

tem como desafio permitir espaços para a criação de novos significados e relações. As representações artísticas como visualidades, fragmentos gráficos, gravuras, pinturas, desenhos podem compor o discurso de pesquisa (Hernández, 2013).

A perspectiva performativa está estruturada em duas outras perspectivas: o sujeito e a escrita. Aqui, o sujeito é considerado durante todo o processo de construção dos textos visuais ou verbais e, ao relacionar-se com o trabalho cartográfico, torna-se criador de conhecimento em um ato performativo. Nessa perspectiva, a escrita e os aspectos visuais integram-se em um potente diálogo, oferecendo aos leitores ou visualizadores a evocação de sensações e elaborações que se aproximam de experiências com obras de arte (Hernández, 2013).

A abordagem A/r/tográfica na produção do conhecimento entrelaça dimensões como “o intuir, o sentir e o pensar” (Irwin, 2013c, p. 184), que determinam inserções de saberes provenientes da sensibilidade humana. O pesquisador torna-se agente gerador de seu próprio conhecimento ao compreender que a produção de saberes está intimamente conectada com nossas reflexões e percepções acerca do percurso de pesquisa. “É por isso que, na A/r/tografia, o fazer artístico torna-se fundamental, pois é deste e por este que o conhecimento se constrói” (Carvalho; Immianovsky, 2017, p. 230).

PEBA configura-se como perspectiva metodológica que utiliza processos e produtos artísticos, estéticos por natureza, para investigar, problematizar e compreender questões educacionais. Essa perspectiva tem se desenvolvido principalmente por meio da A/r/tografia, um dos métodos da PEBA já sistematizados, que incorpora especificamente os procedimentos e as atividades artísticas – fazer artístico – no processo de investigação (Carvalho; Immianovsky, 2017, p. 224).

A PEBA estabelece uma perspectiva de produção de conhecimento adequada para a área da arte e educação com o rigor que um percurso de pesquisa necessita. A A/r/tografia apresenta seriedade científica considerando as especificidades das linguagens da arte e as necessidades contemporâneas para a pesquisa em educação. Na seção a seguir, apresentaremos o percurso metodológico e as análises dos achados, para, posteriormente, tecermos nossas considerações finais e possíveis conexões para outras propostas A/r/tográficas.

TERCEIRO COMPASSO: O RESSOAR DOCENTE POR MEIO DA MÚSICA

Canta o que não silencia
É onde principia a intuição
E nasce uma canção rimada
Da voz arrancada
Ao nosso coração
(Oswaldo Montenegro)

O terceiro compasso ressoa por um caminho sustentado pela criação. Criação de arte, de reflexão de si mesmo como um remexer nas entranhas da constituição do músico-professor em escola. O canto que ressoa nesse compasso é ensaiado pela criação artística. Os encontros de onde nascem as vibrações musicais também ressoam os ecos de uma prática formadora de docentes em música.

Conforme mencionado anteriormente, esta pesquisa versa sobre a formação do músico-professor em escola, com os acadêmicos do curso de Licenciatura em Música, que participaram do PIBID Música em uma universidade catarinense. Estudando a PEBA, encontramos uma possibilidade de trazer o processo de criação e o fazer artístico para dentro da pesquisa. Dessa forma, adotamos princípios A/r/tográficos para a geração dos dados.

Para a geração de dados, definimos um percurso que utilizasse vários elementos, como a fotografia, a escrita e a entrevista em grupo focal para culminar em uma composição musical sobre as experiências que os acadêmicos tiveram no PIBID Música. Esses elementos estiveram imbricados em todo o percurso, pois “[...] na a/r/tografia saber, fazer e realidade se fundem. Elas se fundem e se dispersam criando uma linguagem mestiça, híbrida” (Dias, 2013, p. 25). Os A/r/tógrafos, ao utilizarem a mestiçagem, unem o saber, a ação e a criação, fazendo com que a experiência estética se encontre no fluxo entre o intelecto, o sentimento e a prática (Irwin, 2013b).

Escolhemos ter esse olhar para as experiências que os acadêmicos tiveram no PIBID Música, pois, para Larrosa (2016), a experiência é “[...] aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, o que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (Larrosa, 2016, p. 28).

[...] algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta por expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras

experiências e em outros tremores e em outros cantos (Larrosa, 2016, p. 10).

Escolhemos por expressar essas experiências por meio da música, pois é a linguagem que está incorporada nos acadêmicos, que faz emergir da memória toda a potencialidade dessas experiências de formação em escola. Conforme Tourinho (2013), ao trazer a arte para dentro da pesquisa e da docência, ela “[...] faz mover nossa sensibilidade sensória, afetiva e imaginativa para projetar transformações, mudanças, desafios. As artes, então, criam alimentam e fortificam possibilidades transformadoras de pesquisa e docência” (Tourinho, 2013, p. 64).

O percurso para geração de dados foi realizado com 17 acadêmicos que participaram do PIBID Música. Para esse percurso, organizamos um espaço com uma exposição de fotografias de alguns momentos vivenciados pelos acadêmicos nesse processo de formação em escola. A proposta dessa exposição foi mobilizar sensações, memórias e, resultante disso, provocar possibilidades de criação a partir do que os licenciandos haviam experienciado no PIBID: apresentações musicais, científicas, aulas ministradas e atividades culturais. Para Bogdan e Biklen (1994), utilizar fotografias ligadas a recordações (Figura 1) serve como um estímulo à conversa.



Figura 1: Momento de observação das fotografias. Fonte: Arquivo dos autores, 2017.

Ao relembrar esses momentos, pedimos aos acadêmicos que escrevessem de dez a doze palavras que remetessem às experiências que tiveram no PIBID Música (Figura 2). Elas funcionaram como um estopim

para a mobilização de informações, lembranças e emoções que, posteriormente, foram re combinadas em poemas musicados. As palavras funcionaram como disparadores poéticos na composição musical, oferecendo aos participantes uma experiência de criação musical.

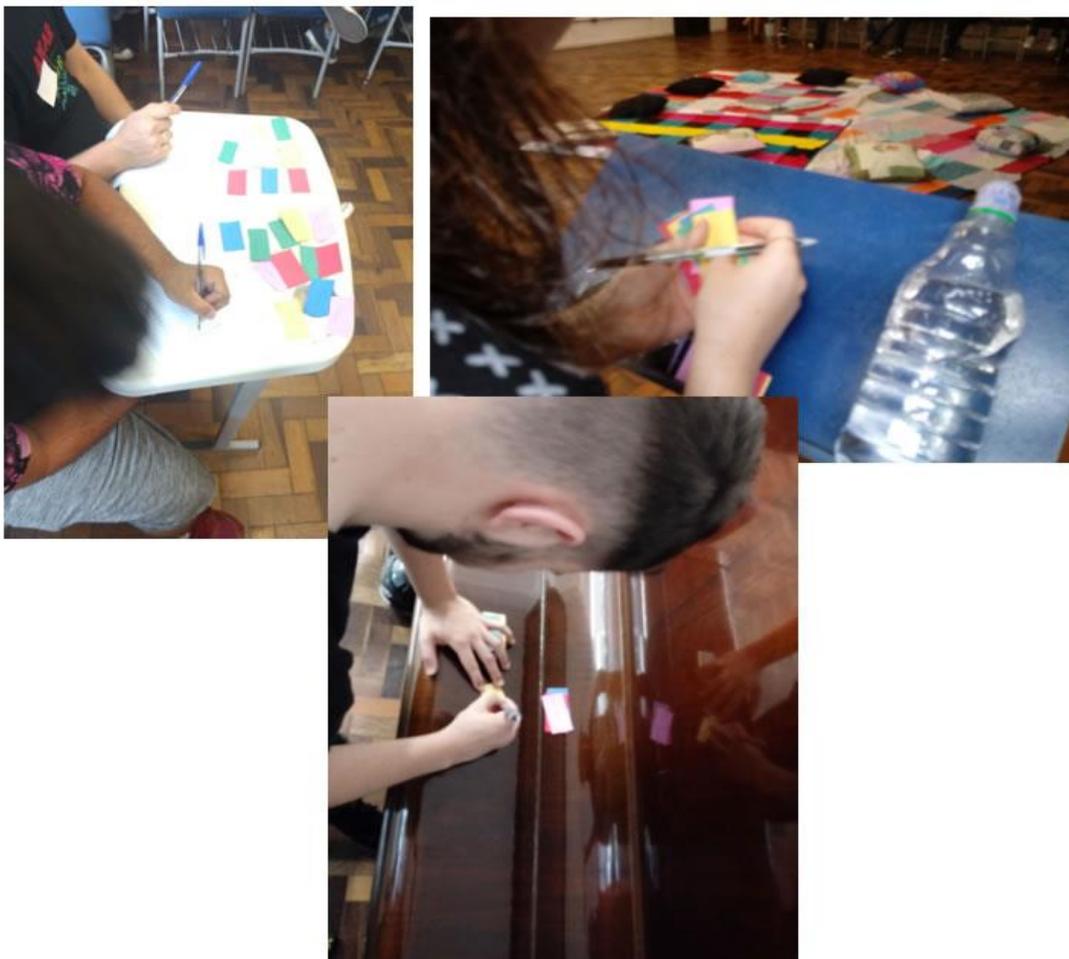


Figura 2: Momento de escrita das palavras. Fonte: Arquivo dos autores, 2017.

Realizamos, então, uma entrevista em grupo⁶ sobre as palavras escolhidas e o que elas representavam para cada acadêmico. Na entrevista em grupo, os participantes foram encorajados a discutir sobre um tema. Dessa forma, eles puderam interagir, estimulando-se mutuamente. Nesse caso, o tema que norteou a conversa foi a formação do músico-professor em escola. Observamos que as imagens fizeram com que os acadêmicos

⁶ Bogdan e Biklen denominam essa técnica de grupo focal. Buscamos, assim, suporte na proposta desses autores, mas buscamos, também, tecer relações com a arte e a dinâmica de criação proposta. Para os autores, no momento da entrevista, não se deve ter a intenção de avaliar as opiniões dos entrevistados, mesmo que possam surgir conflitos de valores em relação aos pontos de vista dos entrevistados, pois a intenção é que os entrevistados tenham a liberdade de expressarem o que sentem (Bogdan; Biklen, 1994).

relembrassem as experiências que tiveram no PIBID Música e trouxessem à memória (Figura 3) lembranças que estavam adormecidas.

No grupo focal, todos os participantes tiveram a oportunidade de expressar suas experiências e de refletir sobre esse processo de formação em escola, pois, conforme abordamos anteriormente, na A/r/tografia se “busca o diálogo, mediação e conversação” (Dias, 2013, p. 25).



Figura 3: Palavras escritas pelos acadêmicos. Fonte: Arquivo dos autores, 2017.

Após essa conversa, que foi gravada e, posteriormente, transcrita, os acadêmicos tiveram um momento para criar um texto com as palavras escolhidas por eles durante a apreciação das fotos, para depois musicá-lo. Durante todo o percurso de geração de dados, identificamos que os acadêmicos batucavam como se não conseguissem ficar sem a música; assim, foi possível observar uma relação imbricada deles com a música. Ao propormos a ideia de composição de uma música, alguns acadêmicos se queixaram. Esse aspecto vai ao encontro do que afirma Higgins (2010), que, na pesquisa, utilizar processos de PBA pode gerar desconforto e desestabilização dos modelos tradicionais de pesquisa em arte e educação. Em um segundo momento, os acadêmicos concentraram-se para realizar a composição (Figura 4), e o processo de criação tornou-se leve no sentido de acessar a dimensão criadora musical presente na identidade do músico, dos acadêmicos, pois suas expressões apresentavam profunda conexão com a linguagem musical. O processo de criação foi diferente para cada acadêmico: alguns estavam extremamente concentrados, sem conversar; enquanto outros compartilhavam com seus colegas sua composição, pedindo

sugestões ou tocando enquanto o colega cantava, demonstrando, assim, o coletivo do grupo.



Figura 4: Momento de composição musical. Fonte: Arquivo dos autores, 2017.

Segundo o dicionário Dicio (2018)⁷, composição na área musical é o processo criativo para criar uma música. Desse modo, trouxemos a proposta de composição para a pesquisa, como uma forma de que os sujeitos participantes pudessem se expressar por meio da música, trazendo à baila experiências que talvez não surgiriam utilizando outros instrumentos tradicionais de geração de dados. Esse momento de criação envolveu as dimensões da pesquisa educacional, da docência em música, e, nesse emaranhado de possibilidades, a experiência estética sensível propiciou aos acadêmicos atos de liberdade emancipatória.

Essa relação de afetividades, de criação de arte e de docência representam condições para reflexão em torno do ser artista e do ser docente, em aberturas para o ser pesquisador. O processo de reflexão na composição musical emergiu da própria escrita, na qual notamos a construção e a reconstrução das frases que melhor expressassem essas experiências (Figura 5).

⁷ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

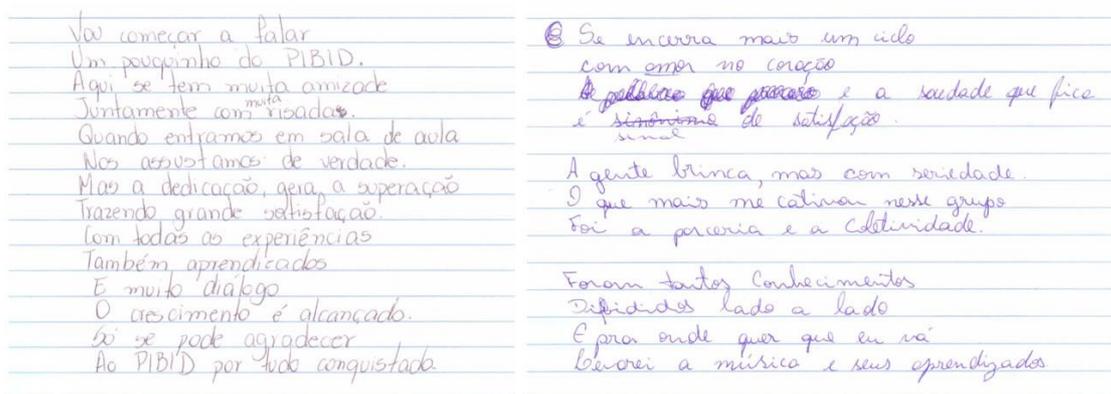


Figura 5: Composição musical. Fonte: Arquivo dos autores, 2017.

Segundo Irwin (2013a, p. 29): “Artistas entendem o poder da imagem, do som, da performance e da palavra, não separados ou ilustrativos um dos outros, mas interligados para produzir significados adicionais”. Ao pensarmos em envolver os acadêmicos em um processo de criação é que adotamos a composição de uma música como instrumento de geração de dados.

Ao colocar a criatividade à frente no processo de ensino, pesquisa e aprendizagem, a a/r/tografia gera *insights* inovadores e inesperados ao incentivar novas maneiras de pensar, de engajar e de interpretar questões teóricas como um pesquisador, e práticas como um professor. O ponto crítico da a/r/tografia é saber como desenvolvemos inter-relações entre o fazer artístico e a compreensão do conhecimento (Irwin, 2013a, p. 29).

Dessa forma, o percurso A/r/tográfico de geração de dados oferece condições para que o participante possa exercer seu potencial criador como artista e relacionar a dimensão docente que vivenciou no PIBID. Um percurso docente reflexivo requer pensar sobre sua própria prática como principal condição para a formação profissional. Dar sentido a uma prática docente em arte passa por compreender o sentido da arte na ação profissional e na promoção da educação para a sensibilidade. Como afirma Duarte Jr. (2001), a educação dos sentidos e das sensibilidades como uma educação estética faz-se necessária em um contexto como o atual, o qual anestesia a capacidade dos corpos de sentirem a si mesmos, o mundo e o outro.

Notamos, durante o percurso, como as identidades de músico e de professor estão imbricadas nos acadêmicos, pois, ao pedirmos para que assinassem a composição com o nome de um artista, a fim de preservar a identidade dos participantes, um deles escolheu a inicial do seu nome, tendo consciência de sua identidade de músico. Para registrar esse percurso realizado com os acadêmicos, fotografamos todo o processo e realizamos

anotações das reações e das percepções do que estava acontecendo no momento do grupo focal. As músicas compostas pelos acadêmicos foram registradas por meio de gravação em vídeo para posterior análise.

As composições musicais sinalizam a partilha entre o grupo. Entendemos por partilha o diálogo, a troca de conhecimentos e a interação com o outro. Nas composições, fica evidenciado que foi no PIBID Música que os acadêmicos desenvolveram perspectivas didático-metodológicas para o ensino da música em escola, que permitiu um percurso de formação na qual a pedagogia musical fosse abarcada de forma autônoma, em vez de ser vista como uma colaboração entre a pedagogia e a musicologia (Kraemer, 2000).

Outro ponto que podemos destacar é que as composições apontam para as vivências dos acadêmicos como músicos, e que, nesse processo de formação em escola vivenciado no PIBID Música, eles acessaram a dimensão docente, passando a considerar a docência como uma possibilidade profissional. Nesse sentido, as composições indicam que as identidades de músico e professor dos acadêmicos se entrelaçam, intensificando reflexões sobre as duas identidades de ser professor e músico.

CODA

A coda, em uma composição, sinfonia ou sonata, anuncia que um momento conclusivo se aproxima. Aqui, anunciamos as considerações finais deste estudo. A coda também prenuncia que conexões e reverberações deste estudo podem ressoar em outros percursos A/r/tográficos de pesquisa em música, docência e educação. Como um anúncio para um possível fechamento, a coda instiga-nos a pensar a música como lugar de pesquisa em arte e educação, bem como a docência sem um ponto final, mas uma condição ressoante como um tremor, nos padrões epistemológicos da pesquisa educacional e na arte.

Neste estudo sobre as experiências do músico-professor em escola, buscamos compreender as contribuições da PEBA em um percurso de investigação com a linguagem musical na área da educação. Observamos que a A/r/tografia vem sendo utilizada em outras linguagens da arte, como em artes visuais, mas que, na música, está sendo pouco explorada no Brasil.

A A/r/tografia dá-nos a possibilidade de nos expressarmos como artistas, professores e pesquisadores, entendendo que essas três identidades estão interligadas e oferecem sentido/significação para um percurso de pesquisa científica. Entendemos que o músico-professor também possui essas duas identidades interligadas, em que o ser professor continua sendo artista, trazendo essa múltipla identidade para a sala de aula. Ao pesquisarmos a formação desse músico-professor, optamos por utilizar métodos A/r/tográficos para que os sujeitos participantes da

pesquisa também pudessem se identificar e se expressar como artistas em um processo de formação docente em escola vivenciado no PIBID.

A pesquisa de Higgins (2010) apresenta ideias hipotéticas de PBA. Já nossa pesquisa avança em relação a essa no sentido de propor um percurso de geração de dados que envolveu diversos instrumentos, como conversa em grupo, seleção de palavras-chave e criação de música. Desse modo, nós desenvolvemos uma PEBA com sujeitos em um percurso que envolveu arte para a geração de dados que analisamos neste estudo.

Encontramos na A/r/tografia uma possibilidade de trazer a Arte e o processo criativo para a pesquisa em educação, utilizando uma proposta mestiça para o percurso de geração de dados. Dessa forma, ao adotarmos a A/r/tografia, encontramos uma possibilidade de trazer o fazer artístico para dentro da pesquisa em música na área da educação. O percurso de geração de dados estabeleceu a abertura para a criação de arte, de modo que os dados gerados em bases criativas permitiram emergir experiências dos acadêmicos, de forma que, ao colocarem-se em criação, recriaram seus modos de ser e estar músico-professor. As identidades de músico-professor estão profundamente conectadas, não sendo possível separá-las, uma vez que uma identidade se relaciona com a outra. Assim, o ser músico conecta-se com o estar professor em uma dinâmica de intensidades e fluxos relacionais. Nesta pesquisa, intencionamos refletir sobre a relação entre as identidades de músico e professor de maneira interligada, que permite repensar e propor novos percursos de formação docente em escola.

A A/r/tografia possibilitou a mobilização de dimensões sensíveis dos participantes, de modo que criou espaços para a criação de arte e, ao mesmo tempo, a recriação de si. A inserção da linguagem musical para a pesquisa em educação abre brechas de acesso à reflexão em torno do ser e estar músico-professor como espaço identitário em constante dinâmica, correlação e integração na prática docente em música. Assim sendo, o contributo para a pesquisa em educação é considerar o campo da arte como um terreno fértil para produção de conhecimentos docentes, elevando-a ao espaço da pesquisa como linguagem expressiva do ser humano.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

CARVALHO, Carla; IMMIAOVSKY, Charles. PEBA: a arte e a pesquisa em educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 3, p. 221-236, set./dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/rea.v25i3.9729>

DIAS, Belidson. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). *Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia*. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 21-26.

- DUARTE JR., João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar Edições, 2001.
- GARLET, Francieli Regina. *Pesquisador andarilho: cintilâncias e transbordamentos de uma docência*. 2014. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- HERNÁNDEZ, Fernando. A pesquisa baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). *Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia*. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 39-62.
- HIGGINS, Lee. Representação de prática: música na comunidade e pesquisa baseada nas artes. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 18, n. 23, p. 7-14, mar. 2010.
- IMMIANOVSKY, Charles. *Currículo – por uma experiência narrativa com diários nas aulas de artes*. 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2015.
- IRWIN, Rita L. A/r/tografia. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). *Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia*. Santa Maria: UFSM, 2013a. p. 27-38.
- IRWIN, Rita L. Uma mestiçagem metonímica. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). *Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia*. Santa Maria: UFSM, 2013b. p. 125-136.
- IRWIN, Rita L. Visões e entrevisões: por uma estética de desdobramentos do currículo. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org.). *Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia*. Santa Maria: UFSM, 2013c. p. 183-195.
- KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. Tradução Jusamara Souza. *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 11, n. 16/17, p. 49-73, abr./nov. 2000.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- MOSSI, Cristian Poletti. *Um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições*. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é? 2014. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Contribuições da perspectiva metodológica “Investigação baseada nas artes” e da a/r/tografia para as pesquisas em educação. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 36., 2013, Goiânia. *Anais...Goiânia*: UFG, 2013. p. 1-16.
- REQUIÃO, Luciana. *O músico-professor*. Rio de Janeiro: Book Link, 2002.

TOURINHO, Irene. Metodologia(s) de pesquisa em Arte/Educação: o que está (como vejo) em jogo? In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). *Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia*. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 63-70.

Recebido em 20/09/2018, aprovado em 13/12/2018

Mariana Lopes Junqueira é mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau/FURB. Possui Especialização em Educação Musical pela Associação Catarinense de Ensino da Faculdade Guilherme Guimbalá (2012). Graduada em Artes com Licenciatura em Música pela Universidade Regional de Blumenau (2006) e integrante do Grupo de Pesquisa em Arte e Estética na Educação. Possui experiência na área de Artes, com ênfase em Educação Musical.

Leomar Peruzzo é mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau/FURB. Possui Licenciatura em Artes Visuais (FURB, 2016), é bacharel em Teatro (FURB, 2007), especialista em Arte na Educação Infantil e Anos Iniciais (2012), especialista em Gênero e Diversidade na Escola (UFPR, 2016) e integrante do Grupo de Pesquisa em Arte e Estética na Educação. Possui experiência como ator de teatro e professor de Artes Visuais e Teatro

Carla Carvalho é doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2008), mestre em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (2003). Possui graduação em Licenciatura Plena Em Educação Artística pela Universidade Regional de Blumenau/FURB (1998). É professora no Programa de Pós-Graduação em Educação na FURB e na graduação em cursos de formação de professores e design. Líder do Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação.